

## POTENCIAL TURÍSTICO E IMPACTO AMBIENTAL: PISCINAS NATURAIS DA PRAIA DOS SEIXAS, JOÃO PESSOA, PARAÍBA

José Rodrigo Lima Torres

Ingrid Almeida da Silva

Amanda Dália dos Santos

Leticia Maria de Lima Rafael

**RESUMO:** O turismo para além de ser uma atividade de lazer e recreação, é nos dias atuais um setor que emprega milhões de pessoas em todo o país. E como a maior parte do turismo realizado no Brasil é feito em ambientes naturais, é mais que comprovado que o mesmo vem a sofrer grandes impactos. É dentro desse contexto que os ambientes recifais se inserem, como um dos mais procurados pelos turistas no Brasil, isso se dá principalmente pela grande beleza cênica que estes ambientes possuem. Diante disso, o presente estudo buscou analisar os potenciais e impactos que estão sendo causados nas piscinas naturais da Praia dos Seixas. Através de uma revisão bibliográfica, observações feitas in loco e aplicação do Método de Avaliação Simplificada, em forma de *check list*, o resultado remeteu a uma situação regular, apontando a necessidade de fiscalizações dos órgãos competentes, de conscientização dos visitantes, uma melhor infraestrutura, permitindo a sustentabilidade dos ambientes em questão.

**Palavras-chave:** Impactos Ambientais; Potencial Turístico; Ambientes Recifais.

**ABSTRACT:** Tourism in addition to being a leisure activity and recreation, is nowadays an industry that employs millions of people across the country. And like most of the tourism held in Brazil is done in natural environments, it is more than proven that it is undergoing major impacts. It is within this context that the reef environments fall as one of the most sought after by tourists in Brazil, it is mainly the great scenic beauty that these environments have. Therefore, this study aimed to analyze the potential and impacts being caused in the natural pools of the Seixas Beach. Through a literature review, observations in the field and application of the Simplified Assessment Method, in the form of check list, the result referred to a standing, pointing to the need for inspections by the competent bodies, awareness of visitors, better infrastructure, allowing the sustainability of the environments in question.

**Keywords:** Environmental Impacts; Tourism Potential; Reef Environments.

### INTRODUÇÃO

O turismo no Brasil começou a se expandir em meados do século xx, onde as primeiras pessoas sentiram a necessidade de buscar conhecer outros lugares e em regiões diferentes da sua de origem. Para Arrillaga (1976) “o turismo é o conjunto de deslocamentos voluntários e temporais determinado por causas alheias ao lucro; conjunto de bens, serviços e organização que determinam e tornam

possíveis estes deslocamentos”. E desde esse período que esse setor tem se desenvolvido cada vez mais, tanto como algo que é o lazer para muitas pessoas, mas também se tornou muito representativo no mercado de empregos. De acordo com Dados e Fatos (2014) no “ano de 2009 ocorreram 56 milhões de desembarques no país, em 2009 saltou para 73 milhões, além disso, houve uma grande geração de empregos formais e informais, cerca de 2 milhões entre os anos de 2010 a 2014”.

Como a maior parte do turismo realizado no Brasil é feito em ambientes naturais, é mais que comprovado que o mesmo vem a sofrer grandes impactos. A partir do momento que o indivíduo chega a um local, ele já está causando impacto, e é nesse sentido que é preciso analisar e avaliar quanto aquela ambiente está sendo impactado, o que tem causado esse impacto, e principalmente como evita-lo. Quando estamos falando de impactos ambientais, é importante pensarmos antes mesmo de colocar em prática determinadas atividades, fazer um planejamento prévio, e procurar alternativas que não impactem ou que sejam menos impactantes, para que o ambiente não seja modificado ao ponto de perder suas características naturais. Portanto, a definição de impacto ambiental “está associada á alteração ou efeito ambiental considerado significativo por meio da avaliação do projeto de um determinado empreendimento, podendo ser negativo ou positivo” (BITAR & ORTEGA, 1998). De modo geral o que ocorre é o excesso de impactos e muitas vezes os turistas não percebem que estão o fazendo, pois geralmente estão admirados com a beleza cênica do local e fazendo seu lazer. E esse impacto em excesso poderá gerar um problema maior, fazendo com que a área se torne degradada, perdendo suas características naturais e tornando-a num ambiente sem vida.

Nesse contexto encontram-se duas problemáticas, a primeira é o turismo de massa onde Barretto (1995, p.48), caracteriza como “um turismo que se dá conforme o tamanho da demanda, ou seja, em locais onde a procura para a visitação é alta, se tem um turismo de massa”. E o segundo é o mercado turístico, que por muitas vezes visa apenas o lucro, sem pensar nos problemas ambientais que estão sendo causados, e para eles esses podem afetar principalmente seus ganhos financeiros, pois uma área degradada não irá atrair turista.

Então o planejamento prévio de uma atividade turística precisa ser feito para que esses impactos não existam ou que sejam mínimos. E, além disso, precisa ser feita uma gestão sustentável dos ambientes e recursos naturais, visando sua preservação e seguindo as leis vigentes do local. De acordo com Sabbagh (2011), “a gestão ambiental é entendida como um processo participativo, integrado e contínuo, que visa promover a compatibilização das atividades humanas com a qualidade e a preservação do patrimônio ambiental”. Conforme definição de Godard (2000), o conceito de gestão ambiental:

Refere-se à condução, direção e controle pelo governo do uso dos recursos naturais, através de determinados instrumentos, o que inclui medidas econômicas, regulamentos e normalização, investimentos públicos e financeiros, requisitos interinstitucionais e judiciais.

Então é preciso que tanto os empresários que trabalham com turismo como as agências de meio ambiente estejam em acordo, para que a gestão seja feita adequadamente.

De acordo com Pertschi (2006):

No setor do Turismo esta pressão se agrava de forma mais radical, pois destinos turísticos que não possuem gestão ambiental em seus processos, fatalmente estarão determinando uma situação futura de baixa qualidade ambiental, e conseqüente declínio da demanda turística local.

É importante salientar que o turismo possui algumas subdivisões, podendo ser o cultural, negócios, religioso, ecoturismo, aventura, sol e praia, entre outros. Sendo o de sol e praia um dos mais praticados no país, onde o mesmo é definido por Santos (2012) como:

Trata-se de um segmento sazonal e massivo, por reunir um grande número de turistas principalmente nas temporadas de verão, férias e feriados prolongados, ocasionando um número elevado de impactos ao destino e períodos de baixo consumo turístico.

E isso corre por estarmos num país que possui um imenso litoral, que incentiva esse tipo de turismo e não só atrai os próprios brasileiros, como também muitos estrangeiros.

Nesse sentido que os ambientes recifais entram como um dos mais procurados pelos turistas no Brasil, isso se dá principalmente pela grande beleza cênica que estes ambientes possuem, além da riqueza de espécies que vivem lá, de acordo com Correia (2005):

O termo recife deriva da palavra árabe "razif", que corresponde literalmente a pavimento, sendo inicialmente utilizado para a identificação de qualquer projeção rochosa, presente na superfície dos oceanos, capaz de ocasionar obstáculos para as embarcações. Para a língua portuguesa, o termo recife está também relacionado com rochedo, ou série de rochedos, situados próximos à costa ou a ela diretamente ligados, submersos ou à pequena altura da superfície do mar. Os recifes também podem ser definidos como rochedos à flor do mar ou a uma profundidade perigosa à navegação. O termo recife refere-se a uma estrutura rochosa, ficando em geral próximo ao nível do mar e representando qualquer obstáculo à navegação.

Por todo esse contexto, são ambientes que sofrem muito com o turismo e atividades afins, pois são ambientes frágeis e que precisam de uma fiscalização intensa e gestão adequada. É diante dessa problemática que esse estudo se insere com o objetivo principal de descrever o potencial turístico que as piscinas naturais da Praia dos Seixas, localizada em João Pessoa, Paraíba e, além disso, analisar através de um *check list* o nível de impacto ambiental que a área possui e com isso propor medidas de intervenções adequadas.

## **METODOLOGIA**

O presente estudo foi dividido em algumas etapas:

### **1. Definição da área de estudo:**

A área a ser estudada esta localizada na Cidade de João Pessoa, Paraíba. Mais precisamente no extremo oriente da Capital, na Praia dos Seixas, onde temos um grande exemplar de recifes de corais, que formam as piscinas naturais, foco do nosso estudo.

### **2. Revisão bibliográfica:**

Posterior à definição da área a ser estudada, procedeu-se a uma revisão bibliográfica sobre os temas determinantes na pesquisa, foram utilizados artigos, sites, jornais e livros.

### 3. Visitação ao local:

Além disso, foram feitas visitas ao local, observações *in loco*, registros fotográficos através de câmera e conversas informais com os principais atores envolvidos.

### 4. Avaliação do Impacto Ambiental

Na sequência das etapas referentes a esta investigação foi utilizado um instrumento que trata de indicadores qualitativos relacionados a impactos como: o lixo, fogueiras, os danos a vegetação, inscrições, a erosão, as construções irregulares, trilhas irregulares e o saneamento. Trata-se de um *check list* denominado por Nascimento (2005) como “modelo simplificado de avaliação”, que visa diagnosticar o grau de qualidade ambiental dos trechos investigados a partir das respostas obtidas. Os (Quadros 01) demonstram as questões que foram aplicadas.

#### **QUADRO 01: Proposta de questionário para avaliação simplificada de qualidade ambiental em áreas de uso recreativo ou turístico**

LIXO		SIM	NÃO	NÃO SE APLICA
1	Ao percorrer a área encontrou lixo?			
2	A área tem lixeiras?			
3	O lixo é coletado com frequência regular?			
4	O lixo coletado tem sempre o mesmo destino?			
5	O lixo é selecionado e reciclado na própria área?			
6	Há placas orientando os visitantes quanto ao lixo?			
FOGUEIRAS		SIM	NÃO	NÃO SE APLICA
7	Ao percorrer a área encontrou restos de fogueiras?			
8	As fogueiras estão próximas às formações vegetais?			
9	A área oferece locais apropriados para fogueiras?			
10	Há placas orientando os visitantes quanto ao uso de fogo?			

<b>DESMATAMENTO</b>		<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>	<b>NÃO SE APLICA</b>
11	A área apresenta espaços desmatados?			
12	As margens dos rios estão cobertas de vegetação?			
13	Os visitantes costumam levar mudas, flores retiradas da área?			
14	Foram observados galhos quebrados ou plantas pisoteadas com frequência?			
15	Há placas orientando os visitantes quanto aos cuidados com a vegetação?			
<b>INSCRIÇÕES</b>		<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>	<b>NÃO SE APLICA</b>
16	Observou-se a presença de inscrições, pichações ou outras formas de vandalismo na área?			
17	As inscrições ocorrem em todos os lugares?			
18	Há placas orientando os visitantes quanto a importância da manutenção da área?			
<b>EROSÃO DO SOLO</b>		<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>	<b>NÃO SE APLICA</b>
19	São observados sulcos ou outras formas de erosão na área?			
20	Nos momentos de chuva, as águas que escorrem carregam muitos sedimentos? (tem coloração barrenta)			
21	Nas trilhas e outros locais é comum encontrarmos raízes expostas na superfície?			
22	As camadas de liteiras (folhiço, serrapilheira) são mantidas sobre o solo?			
23	A vegetação das encostas e das margens dos cursos d'água foi preservada?			
<b>TRILHAS IRREGULARES</b>		<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>	<b>NÃO SE APLICA</b>
24	São encontradas trilhas não oficiais na área?			
25	As trilhas oficiais estão bem identificadas e preservadas?			
26	Há placas sinalizando os percursos das trilhas oficiais?			
27	Há placas alertando os visitantes quanto à proibição de abrir novas trilhas?			
<b>CONSTRUÇÕES IRREGULARES</b>		<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>	<b>NÃO SE APLICA</b>
28	As construções existentes estão harmonizadas com a paisagem?			
29	Há construções que não sejam importantes para o funcionamento da atividade?			
30	Há regras ou normas quanto a implantação de novas construções?			

Fonte: Nascimento (2005).

Após o preenchimento da tabela no local estudado, para avaliar a qualidade da área que está sendo explorado foi feito o seguinte cálculo utilizando a fórmula abaixo:

$$\text{Qualidade Ambiental} = \frac{\Sigma \text{quadros cinza claro} \times 100}{(30 - \Sigma \text{quadros cinza escuro})}$$

Os valores encontrados representarão um indicador de qualidade ambiental baseado nos indicadores observados em campo. Este valor servirá de referência para a tomada de decisão, quanto à necessidade ou não de uma intervenção mais profunda e principalmente quanto à busca por uma orientação profissional. E os resultados serão classificados de acordo com o (quadro 02).

#### **QUADRO 02: Indicadores de qualidade ambiental segundo o método de avaliação simplificado**

<b>PONTUAÇÃO</b>	<b>CLASSIFICAÇÃO</b>	<b>DIAGNÓSTICO</b>
0 a 20	Ótimo	Apresenta poucos indicadores de impactos e está bem estruturada para o recebimento de visitantes. Pode ser considerado como uma área modelo.
21 a 40	Bom	A quantidade de impactos é pequena e as necessidades de infraestruturas são baixas. Deve-se tomar cuidado com a manutenção e o monitoramento da área.
41 a 60	Regular	Já apresenta alguns impactos significativos e carece de algumas infraestruturas há necessidade de intervenção e regulamentação quanto ao uso da área. A consulta a um especialista é recomendada, mas não obrigatória.
61 a 80	Ruim	As condições quanto a danos e infraestruturas é crítica, já se fazem necessário uma intervenção mais drástica na área, principalmente para regulamentação do uso e correção dos danos já observados.
81 a 100	Péssimo	Área com grande número de impactos e praticamente despreparada para o uso turístico ou recreativo. Neste caso, recomenda-se a interdição da área até que medidas de correção dos danos e a implementação de infraestruturas seja concluída.

Fonte: Nascimento (2005).

## 5. Análise dos resultados

Concluída todas as etapas, partiu para uma análise dos dados obtidos e conclusão do estudo. No contexto que a pesquisa se desenvolveu, ela foi classificada como qualitativa e exploratória que para Gerhardt (2009):

Não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. E exploratória, este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

### CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

O ambiente estudado está localizado no Estado da Paraíba, município de João Pessoa. Mais precisamente no extremo oriente na Cidade, está a Praia dos Seixas, onde possui uma formação de recifes de corais, área essa conhecida como Piscinas Naturais dos Seixas (Imagem 01).

#### IMAGEM 01: Localização das Piscinas Naturais dos Seixas



Fonte: Google Mapas, (2016).

Os recifes da Paraíba estão distribuídos paralelamente à costa, formados por segmentos descontínuos, cujo comprimento varia de 5m a 150 m (LABOREL, 1969, YOUNG, 1986). O ambiente em questão, faz parte da formação recifal do Estado da Paraíba, e de acordo com MELO (2014), as piscinas naturais dos seixas:

Está localizada a aproximadamente 700 metros da costa litorânea, na zona sul do município de João Pessoa, com uma área de aproximadamente 1,18 Km<sup>2</sup>. Ao longo da formação a profundidade da coluna da água varia bastante: nos locais mais rasos ela varia entre 50 cm a 1,50 m na maré baixa, em determinadas marés parte dela fica exposta, já nos locais mais profundos ela pode variar de 3 - 6m.

## **POTENCIAL TURISTICO E SEUS USOS**

As piscinas naturais dos seixas, por muitos anos foi utilizada apenas por pescadores locais e moradores da região, tanto no uso recreativo como na própria pesca. De acordo com MELO (2007) “a área era utilizada principalmente para a pesca artesanal e recreacional, e por poucos visitantes”. Em estudo mais recente, MELO (2014) afirma que “os ambientes recifais do Seixas e Penha possuem um fluxo turístico-recreativo inferior ao de outros ambientes recifais do estado”. Porém, o que se pôde perceber é que esse quadro modificou totalmente, visto que a área nos dias atuais está sendo cada vez mais divulgada e visitada muito mais por turistas do que seus próprios moradores. Os passeios para a região são feitos geralmente nas marés baixas, o horário é durante a manhã, com uma duração de mais ou menos 3 horas. Os registros dessa pesquisa foram no mês de janeiro do presente ano.

As embarcações saem da Praia do Seixas (imagem 02) em direção as piscinas com cerca de 60 passageiros, e sempre são duas embarcações por dia, podendo variar, alguns barqueiros locais também fazem o trajeto com barcos menores. A imagem abaixo mostra o momento que os passageiros estão entrando no catamarã, como dá para observar são barcos grandes, possuem primeiro andar e andam sempre super- lotados. Nestes barcos são vendidas bebidas e comidas, e tudo deve ser consumido no barco.

**IMAGEM 02: Entrada dos passageiros no Catamarã**



Na (Imagem 03) podemos observar uma parte do trajeto até as piscinas, que dura pouco mais que 30 minutos, apesar de ser um trajeto curto, dá para fazer uma ótima contemplação da região costeira da Cidade. Durante o percurso o guia da embarcação passa algumas informações sobre a Cidade e também dá as instruções de como se comportar ao chegar às piscinas, principalmente informando que não deve pisar nos corais e nem chegar muito perto.

**IMAGEM 03: Trajeto até as piscinas naturais dos Seixas**



Chegando ao local, nós temos essa vista (Imagem 04). O ambiente possui uma beleza cênica admirável, e, além disso, é um local de águas transparentes e limpas, ótimo para tomar banho, fazer mergulho e alguns esportes á remo.

#### **IMAGEM 04: Chegada às Piscinas Naturais dos Seixas**



Na (Imagem 05), podemos observar a junção de duas embarcações que de certa forma estão causando certo impacto ao local, principalmente pelo fato do espaço que deveria está livre para o acesso dos turistas e banhistas estão sendo obstruído por eles. Não só este impacto pode ser relacionado, mas também a questão dos motores, e âncoras, que impactam a partir do momento que chegam ao local. Pelo fato da área ainda está preservada, sem impactos aparentes, ela atraí cada vez mais turistas, e esse fato poderá está causando num futuro próximo a sua possível degradação.

#### **IMAGEM 05: Embarcações nas Piscinas Naturais dos Seixas**



Além do uso recreativo, a área possui vários estudos científicos das universidades locais e também a questão da pesca tradicional pelos próprios moradores da região.

## MODELO INTEGRADO DE AVALIAÇÃO

A partir da aplicação do *check list* na área das Piscinas Naturais dos Seixas, pode-se obter os resultados que estão expostos no (quadro 03):

### QUADRO 03: Modelo integrado de avaliação aplicado nas Piscinas Naturais dos Seixas

LIXO		SIM	NÃO	NÃO SE APLICA
1	Ao percorrer a área encontrou lixo?	X		
2	A área tem lixeiras?	X		
3	O lixo é coletado com frequência regular?	X		
4	O lixo coletado tem sempre o mesmo destino?	X		
5	O lixo é selecionado e reciclado na própria área?		X	
6	Há placas orientando os visitantes quanto ao lixo?		X	
FOGUEIRAS		SIM	NÃO	NÃO SE APLICA
7	Ao percorrer a área encontrou restos de fogueiras?		X	
8	As fogueiras estão próximas às formações vegetais?			X
9	A área oferece locais apropriados para fogueiras?		X	
10	Há placas orientando os visitantes quanto ao uso de fogo?		X	
DESMATAMENTO		SIM	NÃO	NÃO SE APLICA
11	A área apresenta espaços desmatados?		X	
12	As margens dos rios estão cobertas de vegetação?			X
13	Os visitantes costumam levar mudas, flores retiradas da área?			X
14	Foram observados galhos quebrados ou plantas pisoteadas com frequência?	X		
15	Há placas orientando os visitantes quanto aos cuidados com a vegetação?		X	
INSCRIÇÕES		SIM	NÃO	NÃO SE APLICA
16	Observou-se a presença de inscrições, pichações ou outras formas de vandalismo na área?			X
17	As inscrições ocorrem em todos os lugares?			X
18	Há placas orientando os visitantes quanto a importância da manutenção da área?		X	

EROSÃO DO SOLO		SIM	NÃO	NÃO SE APLICA
19	São observados sulcos ou outras formas de erosão na área?		X	
20	Nos momentos de chuva, as águas que escorrem carregam muitos sedimentos? (tem coloração barrenta)			X
21	Nas trilhas e outros locais é comum encontrarmos raízes expostas na superfície?			X
22	As camadas de liteiras (folhiço, serrapilheira) são mantidas sobre o solo?			X
23	A vegetação das encostas e das margens dos cursos d'água foi preservada?			X
TRILHAS IRREGULARES		SIM	NÃO	NÃO SE APLICA
24	São encontradas trilhas não oficiais na área?	X		
25	As trilhas oficiais estão bem identificadas e preservadas?		X	
26	Há placas sinalizando os percursos das trilhas oficiais?	X		
27	Há placas alertando os visitantes quanto à proibição de abrir novas trilhas?	X		
CONSTRUÇÕES IRREGULARES		SIM	NÃO	NÃO SE APLICA
28	As construções existentes estão harmonizadas com a paisagem?		X	
29	Há construções que não sejam importantes para o funcionamento da atividade?		X	
30	Há regras ou normas quanto a implantação de novas construções?		X	

A respeito do **lixo**, podem-se verificar no local alguns resíduos “boiando” já que a área é submersa, dentre eles os mais assíduos foram plásticos, papéis e alumínio. A presença de lixeiras se deu dentro das embarcações, porém, algumas pessoas não fazem o descarte adequado. O lixo que foi encontrado “boiando” foi recolhido em sua maior parte pelos próprios guias das embarcações, e posteriormente são colocados nas lixeiras que estão nelas. No local não existe nenhuma placa informativa sobre onde descartar o lixo, e nem é passado para os turistas informações sobre essa questão. Em relação a **fogueiras** a maior parte das respostas foram “não” ou “não se aplica” visto que trata-se de um ambiente marinho, porém não existe nenhum tipo de informação a respeito disso. No que diz respeito ao **desmatamento** foi observado que haviam alguns galhos quebrados ou plantas pisoteadas no entorno das piscinas naturais. Sobre as **inscrições** não havia nenhuma placa orientando os visitantes quanto à importância da manutenção da

área, o que ocasiona na sua má manutenção da área. Em se tratando da **erosão** não foi obtido nenhum resultado. A respeito de **trilhas irregulares**, foi constatado que parte da área que estão localizados os corais, e que não deveria ser acessado, sofre com questões como pisoteio e ancoragem das embarcações, os mesmos não respeitam os limites dos corais, e também o limite de embarcações, tornando assim a região num verdadeiro formigueiro quando sua maré está baixa, e além de causar danos diversos aos corais, causa também a biota existente.

Após o preenchimento do *check list*, os valores obtidos foram quantificados na fórmula:  $Qualidade\ Ambiental = \frac{\Sigma\ quadros\ cinza\ claro \times 100}{(30 - \Sigma\ quadros\ cinza\ escuro)}$ . Vale ressaltar que os quadros cinza claro são referentes a respostas "sim", os quadros brancos "não" e os cinzas escuros são "não". O resultado obtido  $8 \times 100 / 30 - 17 = 47,00$ , classificado como regular, ou seja, já apresenta impactos significativos e carece de algumas infra-estruturas. Há necessidade de intervenção e regulamentação quanto ao uso da área. A consulta de um especialista é recomendada, mas não obrigatória.

## CONCLUSÕES

De acordo com os dados analisados, pode-se concluir que as Piscinas Naturais dos Seixas estão localizadas ao longo da formação recifal do Estado da Paraíba, onde a mesma varia de acordo com as marés podendo nos locais mais rasos ela variar entre 50 cm a 1,50 m na maré baixa, em determinadas marés parte dela fica exposta, já nos locais mais profundos ela pode variar de 3 - 6m. Pelo fato dela está disponível apenas em marés baixas, o fluxo de visitantes é bem maior nesses períodos, causando assim um impacto mais relevante.

No que diz respeito aos usos do local foram definidos dois tipos, o uso recreacional, por turistas e moradores locais e o uso para pesca, feita por pescadores tradicionais nas áreas próximas as piscinas. Em relação ao potencial turístico, foi comprovado que o local tem entrado no roteiro turístico da Cidade, visto que a área ainda encontra-se preservada, com impactos não aparentes, fazendo com que sua beleza cênica seja um atrativo.

Em relação à aplicação do *check list* “modelo integrado de avaliação de impacto” o resultado obtido classificou a área como regular, ou seja, já apresenta impactos significativos e carece de algumas infra-estruturas. Há necessidade de intervenção e regulamentação quanto ao uso da área. A consulta de um especialista é recomendada, mas não obrigatória. Além disso, foram detectadas demandas no planejamento das atividades, faltando infra-estrutura básica, como por exemplo ausência de lixeiras por esses locais e placas informativas. De um modo geral o maior problema detectado foi o descarte inadequado dos resíduos, que por muitas vezes ficam “boiando” por lá e também o pisoteio dos corais pelos próprios visitantes e a ancoragem inadequada pelas embarcações, além disso, não se pode deixar de citar os danos que os combustíveis das embarcações causam ao meio.

Com esse estudo pode-se observar algumas falhas que ainda existem no turismo que é desenvolvido e praticado nas Piscinas Naturais. Em função disto é importante que haja uma maior fiscalização da área, bem como medidas de intervenções que atuem no controle do turismo no local, visto que o mesmo é feito sem nenhuma restrição.

## REFERÊNCIAS

ARRIGALLA, J, I, de. **Introdução ao Estudo do Turismo**. Rio de Janeiro, 1976.

BITAR, O. Y; ORTEGA, R. D. **Gestão Ambiental**. In: OLIVEIRA, A, M, S; BRITO, S. N, A. São Paulo, 1998.

BARRETTO, Margarita. **Manual de Iniciação ao Estudo do Turismo**. 3.ed. Campinas, São Paulo: Ed. Papirus,1998.

CORREIA, M, D; SOUIERZOSKI, H, H. **Ecosistemas Marinhos: Recifes, Praias e Manguezais**. Maceió, 2005. Disponível em: <[http://www.ufal.edu.br/usinaciencia/multimedia/livros-digitais-cadernos-tematicos/Ecosistemas\\_Marinhos\\_recifes\\_praias\\_e\\_manguezais.pdf](http://www.ufal.edu.br/usinaciencia/multimedia/livros-digitais-cadernos-tematicos/Ecosistemas_Marinhos_recifes_praias_e_manguezais.pdf)>. Acesso em: 05 mai. 2016.

GODARD, O. **A Gestão Integrada dos Recursos Naturais e do Meio Ambiente: Conceitos, Instituições e Desafios de Legitimação**. In: VIEIRA P. & WEBER, J. (Orgs.). **Gestão de Recursos Naturais Renováveis e Desenvolvimento**. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

GERHART, T. E; SIMVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa**. Rio Grande do Sul, 2009, p. 31-35. Disponível em: <[http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/dera\\_d005.pdf](http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/dera_d005.pdf)>. Acesso em: 05 mai. 2016.

Google Mapas. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/place/Praia+do+Seixas/@-7.1846719,-34.793165,4659a,20y,40.79t/data=!3m1!1e3!4m5!3m4!1s0x7acc36cff83ce4d:0xe1a1cab8f4d6bb50!8m2!3d-7.1543006!4d-34.7934356>>. Acesso em: 10 mai. 2016.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Dados e Fatos do Turismo**, 2014. Disponível em: <[dadosefatos.turismo.gov.br](http://dadosefatos.turismo.gov.br)>. Acesso em: 02 mai. 2016.

MELO, R. S; LINS, R. P. M; ELOY, C. C. **O Impacto do Turismo em Ambientes Recifais: Caso Praia do Seixas - Penha, Paraíba, Brasil**. Revista Rede, Fortaleza, 2014.

MELO, R. S; CRISTIM, M. C.; VIANA, E. R.; LINS, R. P. **Planejamento Turístico e Zoneamento Ambiental: Um Estudo de Caso nos Ambientes Recifais das Praias do Seixas, Penha e Arraial – PB**. Caderno Virtual de Turismo, 2007.

NASCIMENTO, M. **Turismo e Recreação nas Praias do Baixo Rio Negro – Uma Avaliação Retrospectiva de Impactos Ambientais**. Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Biologia Tropical e Recursos naturais, do convênio INPA / UFAM – AM, 2005.

PERTSCHI, I. K. **Gestão Ambiental na Hotelaria: Um Estudo da Aplicação de Indicadores Ambientais**. 2006.

SABBAGH, R. B. **Cadernos de Educação Ambiental**. São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.ambiente.sp.gov.br/wp-content/uploads/2011/10/16-GestaoAmbienta.pdf>>. Acesso em: 05 mai. 2016.

SANTOS, L. L. G.; SANTOS, C. A. J.; CAMPOS, A. C. **Regionalização do Turismo no Brasil e a Descentralização do Turismo no Estado de Sergipe: O Caso do Roteiro das Cidades Históricas**. Sergipe, 2012. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/coloquio2012/actas/07-L-Gomes.pdf>>. Acesso em: 05 mai. 2016.